

RESENHA



Conservadorismo: uma ditadura conhecida?

Conservatism: a known dictatorship

NETTO, Leila Escorsim. *O conservadorismo clássico: elementos de caracterização e crítica*. São Paulo: Cortez, 2011, 160p.

María Fernanda Escurra*

O livro, publicado em 2011, é produto da dissertação de mestrado, de mesmo título, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1997, sob orientação de Carlos Nelson Coutinho. A reatualização ampliada do conservadorismo, nas diversas esferas da vida social, fundamenta sua relevância e confere atualidade ao tema, na medida em que sua forma “clássica” continua a marcar as versões contemporâneas do conservadorismo. Neste sentido, a atualidade deste texto é de forma clara explicitada por Coutinho, no prefácio do livro, quando observa que todas as propostas de desconstrução dos direitos sociais apresentadas pelo neoliberalismo como “reformas” na verdade representam “contrarreformas” e ocultam o “novo pensamento conservador”. Trata-se, nas palavras de Forrester (2000, p. 7), de uma “estranha ditadura”, sendo preciso acordar e constatar que não vivemos sob o “império de uma fatalidade”, mas do sistema ideológico do ultraliberalismo baseado no dogma da chamada economia do mercado, cuja onipotência se confunde com a própria história.

A obra em destaque, que conta com uma introdução, três capítulos e um epílogo, é resultado de uma investigação exploratória, de natureza documental-bibliográfica, que tem como objeto o pensamento conservador clássico e procura contribuir com uma linha de reflexão cujo aprofundamento é indispensável ao desenvolvimento do serviço social e das ciências sociais contestadoras.

A autora, na *Introdução*, afirma que o conhecimento desse pensamento é fundamental para a crítica do conservadorismo contemporâneo que irrompeu nos anos 1980, ligado às transformações estruturais no interior do capitalismo. Inclusive,

* Licenciada em *Trabajo Social* pela Universidad Nacional de Rosario (UNR, Argentina), mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutoranda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGSS/FSS/UERJ) e bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

a característica mais imediata deste último é que “*não se apresenta como conservadorismo e, portanto, oculta e escamoteia sua raiz e seus conteúdos conservadores*” (grifos no original, p.16). Dois aspectos principais justificam, segundo Escorsim Netto, uma análise mais particularizada do pensamento conservador, em cujo seio nasce o serviço social, a saber: o primeiro diz respeito à ausência de estudos mais detidos e minuciosos acerca do pensamento conservador na bibliografia profissional; o segundo relaciona-se ao fato de que não são poucos os autores da área que mencionam a emergência de uma “reatualização do conservadorismo” ou de um “neoconservadorismo”, estabelecendo um nexo de continuidade entre o conservadorismo que está na origem e na consolidação do serviço social e nas concepções chamadas neoliberais. Com isto, parte do pressuposto

segundo o qual uma compreensão mais profunda do pensamento conservador, tal como ele se constitui no século XIX, permite tornar mais inteligível tanto a gênese do Serviço Social quanto mais claras as condições ídeo-teóricas para promover a sua inteira superação no terreno profissional (p. 34).

O capítulo 1, intitulado “O pensamento conservador: determinações histórico-conceituais”, oferece uma exposição que circunscreve historicamente o conservadorismo clássico e propicia, assim, uma síntese de suas características centrais. O pensamento conservador é uma importante e complexa vertente ídeo-político-cultural, expressão particular do tempo e espaço sócio-histórico da configuração da sociedade burguesa – isto é, esta última assiste o seu surgimento. Indica, por conseguinte, o “processo geral da revolução burguesa”, que no Ocidente ocorre entre os séculos XVI e XVIII, e é coroado pela revolução política que assinala a completude da hegemonia econômico-social com a hegemonia política. Conforme assinala Escorsim Netto, a obra fundante do conservadorismo é a de Burke, que deseja o capitalismo sem a ruptura com as instituições sociais pré-capitalistas, ou seja, sem a modernidade. A autora situa o pensamento conservador clássico – da Revolução Francesa (1789) à Primeira Guerra Mundial (1914) – e resgata as várias alterações sofridas pelo conservadorismo a partir da gênese com a obra de Burke, passando por Comte e Tocqueville, até Durkheim. Observa que a maior característica unificadora do pensamento conservador clássico é que em nenhum momento existe um horizonte trágico ou desesperado para a sociedade contemporânea. Assim, “na sua curva do anticapitalismo restaurador ao anticapitalismo resignado e antissocialista, manteve uma visão razoavelmente otimista do futuro” (p. 56). Entre 1830 e 1848, quando se evidencia o esgotamento do ciclo revolucionário burguês, decorre a inflexão no pensamento conservador. A análise evidencia que, depois de 1848, o conservadorismo

rendeu-se à irreversibilidade do desenvolvimento capitalista e assumiu uma *perspectiva especialmente contrarrevolucionária*, oferecendo alternativas reformistas para preservar a ordem estabe-

lecida e, incorporando, em sua tendência predominante, a racionalidade instrumental-positivista, mobilizou-se para elaborar a representação teórico-metodológica da sociedade burguesa. (grifos no original, p. 69).

O objetivo do capítulo 2, “O conservadorismo como objeto da reflexão sociológica”, é oferecer uma amostra do trato sociológico do conservadorismo, privilegiando as análises que fornecem elementos críticos mais amplos. Procura mostrar o nascimento da concepção científico-sociológica da matriz conservadora. Para isto, desenvolve uma síntese do tratamento diferente oferecido por três grandes sociólogos – Mannheim, Gouldner e Nisbet – ao pensamento conservador. A autora, após essa análise, destaca que o trato diferente que o conservadorismo recebeu desses três pensadores sugere a existência de três “paradigmas”, ou seja, demonstra a impropriedade de se pensar a sociologia como uma ciência paradigmática. Inicialmente, no primeiro subitem, resgata o conservadorismo como objeto da sociologia do conhecimento, que alcançou esse estatuto acadêmico com Mannheim. Segundo Escorsim Netto, o conservadorismo pelas mãos de Mannheim não teve apenas um “trato analítico” que contribuiu para sua compreensão enquanto “estilo de pensamento”; no mesmo movimento, o pensamento conservador foi associado ao pensamento revolucionário (socialista revolucionário de matriz marxista). Afirma, assim, que a análise de Mannheim confere subsídios para ampliar as interpretações que veem na cultura alemã do século XIX vetores já conducentes ao desastre de 1933 – aspecto que conota uma desqualificação do pensamento revolucionário, expressando mais que o relativismo mannheimiano.

No segundo subitem, incorpora a proposição da “sociologia reflexiva” de Gouldner, que avança na análise do conservadorismo na autocrítica da sociologia. A sociologia reflexiva, de acordo com Escorsim Netto, revela o máximo de crítica possível ao conservadorismo a partir das próprias fronteiras da sociologia, levando a sociologia do conhecimento ao extremo de sua “radicalidade”. A autora salienta que Gouldner identifica que a sociologia nasce e se desenvolve pressionada pela cultura utilitária da ordem burguesa, que supera o simples conteúdo teórico ou a mera inclinação política, e se expressa, principalmente, numa perspectiva metodológica que reconcilia a teoria social com o *ethos* utilitário da sociedade capitalista.

Ainda neste capítulo, o último subitem trata a sistemática atenção dada ao pensamento conservador por parte de Nisbet, conservador assumido, que observa a recuperação desse pensamento nos Estados Unidos no imediato segundo pós-guerra. A autora ressalta o mérito de Nisbet, que articula consciente e positivamente a sociologia como expressão do conservadorismo.

No capítulo 3, “Críticas marxistas ao conservadorismo”, num primeiro momento, Escorsim Netto destaca que o marxismo e o conservadorismo – vertentes de pensamento e de prática política radicalmente antípodas e antagônicas – são produtos típicos do processo de constituição e consolidação da sociedade burguesa. Considera que é dramático que uma análise marxista específica do pensamento conservador só tomaria forma no século XX e observa o maior peso que adquire o fenômeno

fascista, enquanto exigência de ordem prático-política. Para isto, nos dois primeiros subitens, resgata as abordagens de Marcuse e Lukács, chamando a atenção dos limites presentes na análise de Marcuse, que não dá inteira conta de como, na Alemanha, o pensamento conservador esteve vinculado a um tipo especial de irracionalismo e a uma forma determinada de crítica ao capitalismo. Destarte, recupera especificamente esses aspectos do pensamento de Lukács, que tem como objetivo compreender as raízes do fascismo alemão, resultado da reação romântica e irracionalista ao Iluminismo e à Revolução Francesa. No último subitem deste capítulo, aborda a “reação romântica” enquanto um denominador comum presente nas análises desses dois marxistas, como núcleo da problemática conservadora. A relação entre romantismo e conservadorismo é problematizada com base em Löwy, que, no próprio campo do marxismo, apresenta uma interpretação alternativa do romantismo, oposta à linha analítica solidamente estabelecida no marxismo. Entretanto, a autora, apesar de admitir a marca sugestiva da polêmica de Löwy, em face das análises marxistas do romantismo, considera que a análise lukacsiana do caráter reacionário do anticapitalismo romântico permanece sólida.

No Epílogo, Escorsim Netto apresenta uma sucinta recapitulação do exposto e assinala interessantes pistas e inquietações para novos estudos sobre o pensamento conservador e na continuidade da análise para o século XX. Inclusive, é importante frisar a observação da autora, de que não deve soar estranha “a inserção do pensamento conservador no campo do pensamento moderno. [...] *o pensamento conservador (no mínimo depois de 1848) é uma expressão do pensamento social moderno.*” (grifos no original, p. 148).

Por último, merece destaque outro aspecto salientado por Coutinho no prefácio do livro, que a perspectiva teórico-metodológica marxista adotada pela autora permite situar os fenômenos tratados no horizonte da história e na dimensão da totalidade, possibilitando, portanto, o exame do conservadorismo tanto nas suas manifestações imediatas quanto na sua gênese e em suas perspectivas. Acredita-se que esses aspectos tornam o livro de Leila Escorsim Netto atual e relevante, na medida em que contribui para desvendar e transformar o mundo que persiste solapado em tempos conservadores...

Referência

FORRESTER, V. *Una extraña dictadura*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000.

Recebido em 13 de junho de 2012.

Aprovado para publicação em 21 de agosto de 2012.